

# Mecanismos coesivos e produção oral em língua portuguesa

Mônica Maria Rio Nobre\*

Myrian Azevedo de Freitas\*\*

**Resumo** – Este artigo examina o uso de recursos coesivos por hispanofalantes aprendizes de português como língua estrangeira em narrativas orais. O *corpus* foi reunido a partir de gravações feitas para o projeto PEPPE da Faculdade de Letras da UFRJ. Os dados de fala espontânea foram transcritos grafematicamente e, em seguida, submetidos a uma análise acústica. Numa primeira etapa, foram identificados os recursos usados nos textos orais com base na taxonomia de THOMPSON (1996). A etapa seguinte foi comparar estes resultados aos de uma análise anteriormente feita da produção escrita destes mesmos informantes (ALMEIDA, 2005, inéd.). Para este fim, lançamos mão do tratamento dado por MARCUSCHI (2001) à retextualização. Finalmente, em razão da relevância da prosódia para estabelecer laços coesivos (cf. TANNEN, 1985), foram verificados os correlatos acústicos preferenciais selecionados pelos informantes para estruturar as narrativas. Os resultados apontaram o uso dos mesmos recursos coesivos tanto nas narrativas escritas como nas orais, destacando-se nestas últimas, porém, o papel da prosódia como reforço das pistas coesivas.

**Palavras-chave** – Coesão textual. Desempenho oral em LE. Recursos prosódicos.

## Introdução

Construir um texto é uma atividade cognitiva vinculada à faculdade humana da simbolização. A construção eficaz e eficiente de um texto, mais do que indicar bom desempenho lingüístico, denota a capacidade do homem de se inserir no mundo, inter-relacionar significados e significantes e nesse *locus* compartilhar conhecimentos e experiências com o meio social.

Mas, o que é texto? A palavra texto está naquele conjunto de termos comuns e usuais de uma língua, cujo significado por vezes nem nos preocupamos muito em saber. Definições tradicionais consideravam suas duas

---

\* Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: mrnobre@pobox.com.

\*\* Docente do Programa de Pós-Graduação em Lingüística – UFRJ. E-mail: myfreitas@uol.com.br.

modalidades – escrita e oral – de forma dicotômica, cada uma delas com características próprias e excludentes (VILELA; KOCH, 2001). Mais recentemente, passou-se a considerar a idéia de um contínuo tipológico, em cujos extremos estariam a escrita formal e a conversação espontânea (VILELA; KOCH, 2001). Em TORRINHA (s.d.) é possível encontrar três palavras intimamente relacionadas que não só indicam mais detalhadamente a origem da palavra texto, mas que podem, principalmente, auxiliar-nos a entender aquilo que, de fato, reconhecemos tradicionalmente como texto.

Textum, *t* – 1. tecido; pano; 2. obra formada de várias partes reunidas; 3. contextura (duma obra); conjunto

Textūra, *æ* – tecido; contextura; encadeamento; ligação

Textus, *ūs* – 1. tecido, trama; 2. encadeamento (duma narração); contextura; 3. texto, teor; 4. narração, exposição (TORRINHA, s.d., p. 869)

Muitos autores fazem referência à ‘tessitura’, ‘textura’ ou ‘textualidade’ para tratar da “qualidade a partir da qual reconhecemos um texto” (THOMPSON, 1996, p. 147) (cf. HALLIDAY; HASAN, 1989; HALLIDAY, 1994; BLOOR; BLOOR, 1995; ABREU, 2000). Para construir um texto não basta dispor palavras ou frases em seqüência, é necessário que haja um encadeamento semântico, a fim de que um conjunto de frases seja coerente e, portanto, faça sentido. A esse encadeamento semântico, dá-se o nome de coesão. Segundo ABREU (2000, p. 12), “um texto não é uma unidade construída por uma soma de sentenças, mas pelo encadeamento semântico delas, criando, assim, uma trama semântica a que damos o nome de textualidade. O encadeamento semântico que produz a textualidade se chama coesão”.

## 1. Coesão textual

A coesão é, portanto, um dos elementos fundamentais para que se possa fazer a diferença entre um texto e um conjunto de frases desconexas. Ela faz parte do sistema da língua que acionamos toda vez que se faz necessário elaborar um texto. No que diz respeito à sua localização no sistema da língua, HALLIDAY (1994), conforme exposto em sua gramática sistêmico-funcional, inclui a coesão no componente textual, ao lado dos recursos estruturais denominados ‘Dado e Novo’ e ‘Tema e Rema’ (cf. Figura 1). É possível observar que o componente textual (ou metafunção textual), assim como as metafunções ideacional e interpessoal formam o

conjunto das três metafunções que compõem o subsistema semântico e que foram idealizadas pelo autor em sua gramática. Essas metafunções dão conta dos modos de uso da linguagem e correspondem a redes de opções (*network options*) a que os usuários da língua têm acesso no momento em que precisam elaborar seus textos, sejam eles orais ou escritos.

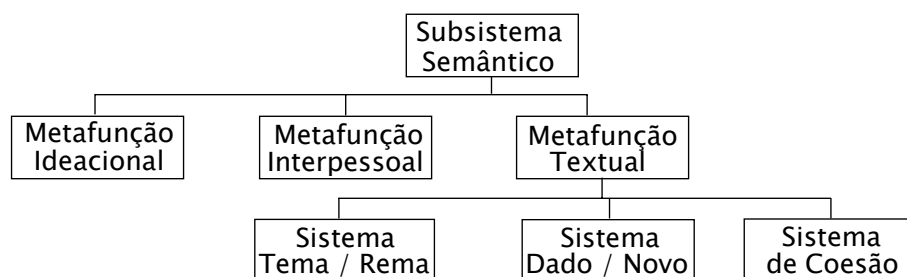


Figura 1

A metafunção ideacional nos leva a organizar, a entender e a expressar percepções do mundo; por meio dela, os usuários “organizam e incorporam na língua sua experiência dos fenômenos do mundo interno da própria consciência [...] assim como seus atos lingüísticos de falar e de entender” (NEVES, 1997, p. 12); a metafunção interpessoal serve para estabelecer e manter relações sociais, considerando a função desempenhada no processo da interação social; “o falante usa a linguagem como um meio de participar do evento de fala” (IDEM, p. 13). A metafunção textual – a que mais interessa neste trabalho – envolve o uso da linguagem na organização do texto (oral ou escrito) e “diz respeito à criação do texto” (IDEM, p. 13).

O subsistema fonológico, ao lado dos subsistemas léxico-gramatical e semântico, integra o subsistema lingüístico. Cabe ao subsistema fonológico a **organização entonacional e rítmica** dos sons da língua. Nas palavras de HALLIDAY (1985, p. 48):

Intonation is the melodic movement, the rise and fall in pitch. Rhythm is the ‘beat’ of language, which gives it an organization in time. Both are prosodic features: they are part of the system of the language.

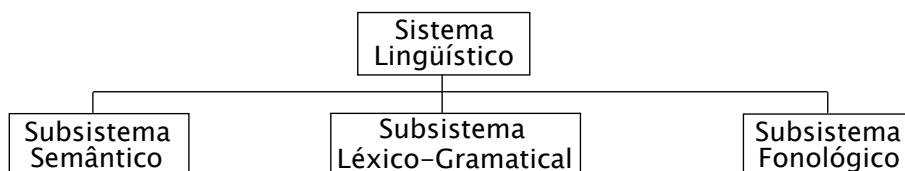


Figura 2

A **prosódia**, portanto, desempenha papel importante na maneira como o falante produz e o ouvinte interpreta as informações contidas nos enunciados. Ela permite a localização de fronteiras que dividem a enunciação em unidades de informação e a identificação do foco que está relacionado ao ritmo e à percepção da sílaba proeminente. Estes aspectos estão diretamente ligados às noções de tema/remã e dado/novo, podendo também funcionar como recursos coesivos eficientes.

## 2. Mecanismos coesivos

Quando se trata de definir coesão, parece haver um acordo entre o que é proposto por diferentes teóricos e estudiosos de línguas em geral. No entanto, quando a questão é definir os mecanismos coesivos, parece haver uma certa diversidade de opiniões, sobretudo no que diz respeito ao número de mecanismos descritos.

Neste trabalho, adotaremos a divisão em quatro mecanismos preconizada por THOMPSON (1996) – a referência, a elipse e a substituição, a coesão lexical e o mecanismo da conjunção.

### 2.1 A referência

A coesão referencial é aquela em que um elemento da seqüência textual não pode ser interpretado semanticamente por si mesmo. Há necessidade de fazer remissão a outros elementos relevantes para a sua compreensão.

No processo de comunicação, podemos empregar dois tipos de referência: a exofórica e a endofórica. No caso do estudo da coesão, interessa apenas a última, visto ser a que remete para algo que foi dito anteriormente no texto. A referência endofórica pode, ainda, se dividir

em: (1) anafórica, quando o significado repetido já foi mencionado no texto e (2) catafórica, quando o sentido do item de referência ainda será esclarecido.

No que diz respeito à realização gramatical da coesão referencial, ela pode ser expressa por meio de:

- Pronomes pessoais e possessivos
- Pronomes demonstrativos e advérbios de lugar
- Comparativos

## 2.2 A elipse e a substituição

A elipse corresponde, segundo Halliday, a uma substituição por zero. Isso significa que é possível optar pela omissão de um item lexical, um sintagma, uma oração ou até mesmo todo um enunciado (VILELA; KOCH, 2001). Vale destacar que a parte omitida é facilmente recuperável pelo contexto imediato.

No caso da substituição, como o próprio nome sugere, um item é posto no lugar de outro com o objetivo de substituí-lo. Pode-se ainda substituir toda uma oração.

Há de se destacar a diferença entre o mecanismo de substituição e de referência. Na substituição não há correferencialidade, mas um substituto para uma palavra ou grupo de palavras (Bloor; Bloor, 1995). Na referência, existe uma relação estreita entre duas ou mais referências a um mesmo conceito. Koch sugere que “a substituição seria usada precisamente quando a referência não é idêntica ou quando há, pelo menos, uma especificação nova a ser acrescentada [...]” (KOCH, 1990, p. 21).

## 2.3 A coesão lexical

O mecanismo da coesão lexical envolve o uso de itens lexicais para fazer referência a escolhas feitas previamente na elaboração de um texto. A coesão lexical se subdivide em três mecanismos:

- repetição do mesmo item ou reiteração, com uso de sinônimos, hiperônimos ou hipônimos;
- colocação: emprego de palavras (duas ou mais) que em um dado contexto têm grande probabilidade de ocorrerem juntas;
- uso de nomes genéricos, ou seja, termos de definição bastante abrangente, tais como coisa, pessoa, fato, acontecimento etc.

## 2.4 A conjunção

Esse mecanismo envolve diversos tipos de conectores e partículas de ligação que estabelecem vínculos entre orações ou seções de um texto. HALLIDAY; HASAN (1976, *apud* KOCH 1990) apontam os cinco principais tipos de conjunção: (1) aditiva, (2) adversativa, (3) causal, (4) temporal e (5) continuativa.

## 3. Metodologia

Os textos desta pesquisa integram um *corpus* maior montado para um Projeto intitulado “Análise do Processo de Aquisição do Português por Hispanofalantes”, desenvolvido na UFRJ.

Para esta amostragem foram selecionadas quatro narrativas orais dentre as 42 que compõem o acervo do referido projeto levando-se em consideração:

- (a) sua correspondência com quatro narrativas escritas dos mesmos autores, todos alunos do PEPPE<sup>1</sup> da UFRJ, as quais já haviam sido analisadas do ponto de vista da coesão textual (cf. ALMEIDA, 2005, *ined.*);
- (b) sua qualidade sonora, de forma a permitir a análise acústico-prosódica;
- (c) a uniformidade da metodologia usada para a coleta.

Em entrevistas realizadas em duas etapas, os informantes produziram primeiramente os textos orais e, posteriormente, recontaram as histórias sob a forma escrita. O comando, padronizado, foi o seguinte: “conte uma história que você ouvia ou gostava de ouvir quando era criança”. O objetivo, portanto, era cotejar os mecanismos coesivos selecionados por eles na escrita com aqueles utilizados na fala.

Os textos orais foram transcritos grafematicamente por nós a partir da audição das gravações. Em seguida, esses dados foram transformados em arquivos sonoros com o auxílio do programa PRAAT<sup>2</sup> para a etapa de análise prosódica.

O *corpus* selecionado para a elaboração deste trabalho foi gerado pelos quatro hispanofalantes identificados a seguir:

Quadro 1

Identificador	Descrição
010 M PAR	Informante nº 010, sexo masculino, de origem paraguaia
011 F COL	Informante nº 011, sexo feminino, de origem colombiana
016 F BOL	Informante nº 016, sexo feminino, de origem boliviana
017 F PAR	Informante nº 017, sexo feminino, de origem paraguaia

#### 4. Análise e discussão dos dados de fala

Além de poder registrar os mesmos recursos coesivos da escrita, o texto oral tem a peculiaridade de estabelecer coesão pelo próprio contorno prosódico que se imprime aos enunciados, prescindindo muitas vezes de um conectivo explícito. Esta característica da oralidade não encontra paralelo na escrita, em face da incapacidade da pontuação de refletir toda a riqueza de emoções e atitudes da fala.

A análise dos textos orais foi feita, entretanto, levando primeiramente em consideração os mecanismos de referência, elipse e substituição, além da coesão lexical, porque sua ocorrência nos textos escritos já havia sido apontada por ALMEIDA (2005). A análise das narrativas escritas empreendida por esta autora apontou:

- (a) o uso recorrente – dezesseis ocorrências em todas as histórias – do mecanismo da coesão **referencial** com emprego de **pronomes pessoais** e **possessivos**; o emprego de pronomes **demonstrativos**, no entanto, evidenciou pouca familiaridade com este recurso e um dos informantes sequer chegou a utilizá-lo;
- (b) o emprego da elipse ou substituição por zero, tendo sido registrada, com mais frequência, a omissão do pronome pessoal diante do verbo. Ainda assim, este recurso foi menos usado em comparação aos mecanismos de coesão referencial;
- (c) o uso freqüente da coesão lexical, que foi o mecanismo mais empregado, ao lado da coesão referencial,. Houve predomínio da repetição, mas também pode ser observado o uso de expressões sinônimas;
- (d) não foi registrado o uso do mecanismo da **conjunção**.

#### 4.1 Recursos coesivos no texto oral

A transcrição grafemática das narrativas orais dos informantes permitiu identificar os recursos coesivos presentes na fala, em moldes idênticos aos da análise empreendida com base nos textos escritos. Utilizamos aqui os mesmos pressupostos teóricos que nortearam a análise das narrativas escritas (HALLIDAY, 1989; THOMPSON, 1996). Primeiramente, examinaremos as narrações uma a uma e, em seguida, faremos a comparação com os resultados obtidos para os textos escritos.

##### Narrativa 1: *O homem do saco*

Esta informante (017) usou, na fala, a referência pessoal de terceira pessoa apenas três vezes. Observe-se que em cada uma destas ocasiões o correferente variou. No primeiro momento temos:

Quando criança eu... ouvia muita história sobre um homem que... todas as tardes, **ele** (= o homem) passeava pelo mundo...

Adiante, encontramos o pronome **elas** referindo-se ao genérico **as pessoas**:

... tanto os mais velhos ou as pessoas, depois do almoço, geralmente costumam dormir à tarde. Dormem assim de uma a duas horas ou, se der, meia hora já, já ta bom. **Elas** (= as pessoas) costumam dormir.

Registramos, também, o uso do pronome **ela** para referir-se à avó da narradora:

Então, a minha avó, **ela** (= a minha avó) falava ...

O pronome demonstrativo **essa** foi outro recurso coesivo empregado:

E **essa** era a história assim que mais me marcou quando criança.

O recurso coesivo da elipse manifestou-se pela omissão do verbo de ligação e seu pronome sujeito:

E ..., eu quando ( $\emptyset$  = **era**) criança não gostava de dormir à tarde.

... a história assim que mais me marcou quando ( $\emptyset$  = **eu era**) criança ...

No que se refere à coesão lexical, encontramos exemplos de repetição do mesmo item lexical: a palavra **história** aparece quatro vezes, **homem**, três vezes e **sesta**, duas vezes, assim como a expressão **os mais velhos**, que também é repetida:

... porque o meu pai, **os mais velhos**, tanto **os mais velhos** ou as *pessoas*, depois do almoço, geralmente costumam dormir à tarde.



O uso de nomes genéricos aparece uma única vez com o uso da palavra **pessoas** no exemplo que acabamos de mencionar.

#### Narrativa 2: *Chapeuzinho Vermelho*

Nesta narrativa oral, a informante (016) lança mão do recurso da referência com pronome pessoal com frequência bem maior em relação à história analisada anteriormente. O pronome de terceira pessoa **ela** é empregado dezesseis vezes para referir-se à personagem feminina principal, Chapeuzinho Vermelho:

**Ela** chamava de Chapeuzinho Vermelho porque **ela** tinha sempre uma capuza vermelha que a avó dela tinha dado de presente pra **ela**. E **ela** sempre botava esse... essa capuza vermelha. Um dia **ela** saiu de casa,...

O Lobo Mau é referido três vezes com o uso do pronome **ele**:

E **ele** (= o Lobo Mau) se vestiu com a roupa de... da avó...

A elipse foi outro recurso bastante utilizado por esta informante. Encontramos onze vezes a substituição do sujeito da oração por zero diante do verbo. Observe-se:

E aí **o lobo mau** teve uma idéia e Ø foi correndo na casa da avó de Chapeuzinho Vermelho, Ø entrou na casa, Ø batió na porta... Não, Ø batió na porta, Ø entrou na casa e (*risos*) e Ø comeu a avó dela.

O recurso coesivo da repetição também foi muito empregado. **Chapeuzinho Vermelho** é mencionada seis vezes; **capuza vermelha** aparece duas vezes; o **Lobo Mau** é repetido quatro vezes, sem contar duas menções apenas a **Lobo**; o nome **floresta** figura quatro vezes na narrativa e a **avó** da Chapeuzinho é citada oito vezes, sem falar do substantivo **história** que aparece quatro vezes, três delas logo no início da narrativa:

Uma **história** que eu... sempre ouvia e eu acho que aqui também contam muito essa **história** é... é... da... do... Chapeuzinho Vermelho. E... é... isso é... a **história** começa onde uma menina...

Ela chamava de Chapeuzinho Vermelho porque ela tinha sempre uma **capuza vermelha** que a avó dela tinha dado de presente pra ela. E ela sempre botava esse... essa **capuza vermelha**.

Não consideramos aqui as repetições presentes no diálogo entre Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau porque são parte integrante desta tradicional história infantil e não constituem, portanto, escolha pessoal da narradora. O trecho a que nos referimos é o seguinte:

“Por que você tem uns olhos tão grande?” E ele... e ele falou que era para ver ela melhor e “Por que que você tem um nariz tão grande?”, e “É pra cheirar .... pra cheirar melhor” e “Por que você tem orelhas tão grandes?” “É pra ouvir você melhor”. E aí teve que perguntar “Por que que você te uma boca tão grande?” E o lobo mau falou: “É pra comer você melhor.”

### Narrativa 3: *Os sapos*

Assim como a informante da história de Chapeuzinho Vermelho, este narrador (010) faz bastante uso de referência pessoal, lançando mão tanto de pronome de terceira pessoa como de pronome possessivo:

Eu me lembro que eram **dois sapos** que tinham... da... da casa dum... dos parentes **deles**. Depois, pelo caminho, **eles** pegaram uma chuva e foram correndo até chegar a sua casa, mas antes de chegar a sua casa, **eles** caíram num buraco, um buraco bem... bem... bem... profundo. Depois disso, **eles** tentaram, tentaram... é... pular até sair da... daquele buraco.

Porém, como foi registrado na análise do texto escrito, este informante não tem um bom domínio do mecanismo de referência, o que dificulta a interpretação de sua narrativa. Isto pode ser notado no trecho a seguir, em que o excesso de pronomes pessoais e demonstrativos torna árdua a tarefa de restabelecer os elos coesivos:

Depois a população veio pra... tentar ajudar **eles**, dando uma ajuda moral, dizendo pra **ele** “Vai, gen... gente, pula e saiam daí”, mas depois de tan... tanto **eles** pularam não conseguiam sair, sair daquele buraco. Então, os sapos que tavam lá fora disseram pra **eles**, pra que... que deixem que... que não... não... não tem jeito nenhum de sair **aquele** buraco. Então, um **deles** de... deixou de pular e o... o... **outro** continuava pulando até que a população sumiu **daquele** prédio. E **aquele outro** sapo pula, pula, até que conseguiu sair daí.

O mecanismo coesivo da elipse também foi selecionado cinco vezes, como por exemplo:

Depois disso, **eles** tentaram, tentaram... é... pular até sair da... daquele buraco. Mas, Ø (= **eles= os sapos**) não conseguiam.

Ocorrem, ainda, repetições do mesmo sintagma, como sua casa (duas vezes), ou do mesmo item lexical, como história (três vezes) e buraco (seis vezes):

... mas antes de chegar a sua casa, eles caíram num **buraco**, um **buraco** bem... bem... bem... profundo. Depois disso, eles tentaram, tentaram... é... pular até sair da... daquele **buraco**.

Para estabelecer coesão lexical, este narrador também utiliza nomes genéricos, a exemplo de **poblação** para referir-se ao povo dos sapos, **gente** em substituição aos sapos que caíram no buraco e **pessoas** também no lugar de povo dos sapos:

Depois a **poblação** veio pra... tentar ajudar eles, dando uma ajuda moral, dizendo pra ele “Vai, gen... **gente**, pula e saiam daí”, ...

É porque ele era surdo, não ouvia as... as coisas que as **pessoas** diziam pra ele.

#### Narrativa 4: *Mãe Mato*

O uso da referência pessoal é recurso coesivo também encontrado no texto oral produzido pela quarta informante (011). Exemplo:

É uma... história que **minha avó**... é... contava. **Ela** (= **minha avó**) ... falava quando Ø estavam... é... no sítio e quando as crianças é... não queriam em..entrar para a casa, **ela** (= **minha avó**) é... fazia uma... que uma pessoa... é... visstesse ro... hum... roupa com folhas de árvores.

Note-se, porém, que esta narradora também não demonstra pleno domínio dos recursos coesivos, de vez que emprega o pronome **ele** sem correferente anafórico ou catafórico explícito. Ao ouvinte cabe inferir que **ele** refere-se a **uma das crianças** mencionadas no texto oral:

... numa ocasião **uma das crianças**... é... **ele** saiu correndo ...

A informante também faz uso da elipse, e com muito mais frequência no texto oral (oito vezes) do que no texto escrito (três vezes):

... **ele** saiu correndo, (Ø = **ele**) entrou casa e (Ø = **ele**) pegou a tranca da porta.

Registramos, ainda, o uso do recurso coesivo da repetição: **mãe mato** aparece dez vezes e o nome **tranca** é repetido quatro vezes:

... a porta no sítio era... com **tranca**. Mesmo... é... um... um pau grande... é... pegou a **tranca** da porta e esperou a **mãe mato**. E ele... ele falou: “Eu vou esperar aqui a **mãe do mato** porque não vai me assustar mais. Eu na estou com medo da **mãe do mato**. Aí quando ele pegou a **tranca** para bater na...na **mãe mato**, a **mãe mato** gritou: ...

Quanto ao uso de denominação genérica encontramos apenas **uma pessoa** para referir-se a alguém (indeterminado) que se vestia com roupa de folhas de árvores e que, logo em seguida, o ouvinte é informado de que se trata da mãe mato:

... ela é... fazia uma... que **uma pessoa...** é... vistesse ro... hum... roupa com folhas de árvores. Ih... **essa pessoa** era chamada de mãe... mãe (moth ...?) **mãe mato**. Aí **essa pessoa...** é... é ...saía para assustar as crianças ...

Como pôde ser visto nos exemplos citados até agora, assim como na análise dos textos escritos (cf. ALMEIDA, 2005) encontramos nas narrativas orais igualmente um predomínio da opção pela referência pessoal e pela repetição como mecanismos coesivos na elaboração do texto.

## 5. Diferenças e semelhanças entre texto oral e texto escrito

Escrita e fala compartilham mais semelhanças do que diferenças entre si. Longe de ser caótico, o texto falado também apresenta uma estruturação interna. A narrativa oral, entretanto, tem uma dimensão expressiva a mais, característica da fala e irrecuperável na transcodificação do sonoro para o grafemático: a entonação. Ao transcrevermos, até o simples acréscimo de sinais de pontuação já indica uma interpretação da fala. Não podemos nos esquecer de que, embora a história narrada oralmente seja a mesma que depois foi escrita pelo mesmo narrador, neste caso, a tarefa de reescrever a história envolve, diferentemente da **transcrição grafemática**, um processo de **retextualização**. Este processo procura não interferir na natureza do discurso do ponto de vista de sua linguagem e conteúdo. Pelo contrário, é de se esperar a ocorrência de transformações/alterações tanto mais radicais se a retextualização é executada pelo mesmo autor do texto oral (MARCUSCHI, 2001, p. 52-54). Um breve exame do que ocorreu com as narrativas orais e as correspondentes retextualizações produzidas por nossos informantes permitem corroborar o que foi dito.

Em primeiro lugar, comparando-se o **conteúdo dos textos** orais com aqueles escritos, observamos algumas divergências e omissões.

A narrativa oral do *Homem do Saco* fornece informações ausentes na retextualização:

- a duração da sesta: “...os mais velhos ou as *peessoas*, depois do almoço, geralmente costumam dormir à tarde. Dormem assim de uma a duas horas ou, se der, meia hora já, já ta bom.”
- O fato de que a autora: “quando criança não gostava de dormir à tarde [...] detestava fazer a sesta.”
- A origem do termo *kara'ivosá*: “Em guarani é [karaiβɔ'sə]”.

A mesma narrativa escrita, porém, acrescenta o elemento *medo* (“... gostava de ouvir essa história mas também tinha medo ...”) e informa que a narradora “... por isso, sempre ia para a cama depois do almoço, às vezes dormia e outras vezes não.”

As duas narrativas da história de *Chapeuzinho Vermelho* também apresentam variações entre si: o texto escrito descreve Chapeuzinho Vermelho como “uma minina que adorava a sua avô ...” e que “... ía sempre a visitar a sua avô, por que a avô era ja velhinha e vivía doente.” Esta informação não estava no texto oral, assim como a informação de que, além de comer Chapeuzinho Vermelho, o lobo comeu a “cesta dela também.”

O texto oral da narrativa da história *Os sapos*, por sua vez, omite todo o conteúdo do primeiro parágrafo do texto escrito: “Naquele dia dois sapos saíram para caminhar, quando chegou a noite, começaram a cair as primeiras gotinhas de água, eles ficaram com medo por causa da intensidade com que as gotas caíam.”

Omite, ainda, o pedido de ajuda do sapo que caíra no buraco e a menção a uma cidade.

Por outro lado, refere-se a uns parentes dos sapos que caíram no buraco, parentes estes que não aparecem no texto escrito.

Finalmente, a narrativa oral da história da *Mãe Mato* também não coincide inteiramente com o texto escrito. Neste último fica clara a finalidade educativa do relato — amedrontar as crianças desobedientes, e a identidade da personagem Mãe Mato – Mãe Mato era a empregada. No texto oral, o motivo para chamar a Mãe Mato não ficou tão explícito: “Aí essa pessoa... é... é... saia para assustar as crianças e as crianças corriam para casa, para dentro da casa, para conseguir uma segurança...”.

E quanto à identidade da personagem, ela permaneceu oculta, na narrativa oral, por um nome genérico sem correferente: “...sou fulana...sou eu..”<sup>3</sup>

Verificamos, por conseguinte que, de modo geral, a escrita teve maior conteúdo informativo do que a fala. Vale lembrar que na modalidade escrita as idéias costumam ser condensadas, e as informações que o autor considera secundárias tendem a ser eliminadas.

Outro fator a ser ressaltado é o fato de que, apesar de abranger mais informações, o texto escrito tem, em geral, **dimensão inferior** quando comparado a seu correspondente oral. Como lembra MARCUSCHI (2001, p. 94) “um texto falado, ao passar para escrito, diminui em volume e extensão”. A Tabela 1 a seguir apresenta a contagem de palavras em cada um dos textos que integram nosso *corpus* e comprova esta afirmação:

Tabela 1

Informante	010 PAR M		011 COL F		016 BOL F		017 PAR F	
Texto	Oral	Escrito	Oral	Escrito	Oral	Escrito	Oral	Escrito
Total de palavras	292	249	179	<b>87</b>	369	253	162	95
Aumento do nº de palavras no texto oral	43			<b>92</b>	116		67	

Como revelam os dados da informante 011 COL F no Quadro 2, o texto oral pode chegar a apresentar mais do dobro do número de palavras registrado na narrativa escrita. Porém, novamente, é preciso lembrar que: “Transformar fala em escrita pode acarretar diminuição de texto, mas não necessariamente por razões de seleção das informações mais importantes e sim pela regularização lingüística que implica redução do volume de linguagem” (MARCUSCHI, 2001, p. 87).

Quanto maior a maturidade do indivíduo na escrita, maior a sua capacidade de fazer substituições e eliminar palavras, especialmente as funcionais, tais como artigos, pronomes pessoais, conjunções etc. Além disto, o narrador tende a substituir, na escrita, o **discurso direto** da fala por discurso indireto. As narrativas que integram o nosso *corpus* comprovam esta última tendência. Encontramos discurso direto em todas as narrativas orais. Exemplos:

(010) Vai, gen... gente, pula e saiam daí

(011) Eu vou esperar aqui a mãe do mato porque não vai me assustar mais.

Eu na estou com medo da mãe do mato.” Aí quando ele pegou a tranca para bater na... na mãe mato, a mãe mato gritou: Ê... sou eu... sou fulana... sou eu... não senhor

(016) Não, eu vou sozinho e você sai daqui, lobo mau.

(017) Não, você tem que fazer a sesta, porque se você não fizer, vai vim o homi... é... o homem da sacola e vai te levá.

Note-se que na retextualização das histórias, apenas o informante 010 usou, uma única vez, o discurso direto: “deixe de tentar pular não a jeito nenhum de sair desso!”.

Naturalmente, não computamos nem na escrita, nem na fala, o discurso direto entre Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau porque, neste caso, não se trata de opção do narrador; faz parte da tradição da história.

Vale a pena registrar, ainda, outras diferenças textuais-discursivas observadas entre o texto oral e o escrito. Neste último espera-se encontrar uma redução ou mesmo eliminação de características da oralidade, tais como pronomes egóticos, reduplicações, hesitações, redundâncias e marcadores de continuidade da narrativa (MARCUSCHI, 2001, p:75).

De fato, o uso do pronome de primeira pessoa do singular predomina no texto oral, em que aparece dezesseis vezes nas quatro narrativas, particularmente no relato da informante 017 (sete ocorrências): ... eu quando criança não gostava de dormir à tarde. Eu queria ficar bagunçando por aí. Nas quatro histórias escritas encontramos apenas quatro vezes o pronome *eu*. Isto implica uma redução de 75%.

Como as narrativas constituem um gênero textual que pressupõe a seqüencialidade como uma de suas características básicas, era de se esperar a presença nas narrativas de marcadores de continuidade. De fato, eles estão presentes, e com muito mais freqüência nos textos orais do que nos escritos. A Tabela 2, abaixo, apresenta o número de ocorrências destas marcas nas narrativas de cada informante:

Tabela 2

Informante	010 PAR M		011 COL F		016 BOL F		017 PAR F	
	Oral	Escrito	Oral	Escrito	Oral	Escrito	Oral	Escrito
Conj. Aditiva E	04	03	06	04	21	14	03	03
Adv. ENTÃO	03	00	00	00	01	00	01	00
Adv. DEPOIS	06	00	00	00	00	01	00	00
Adv. QUANDO	00	02	03	01	01	02	03	01
Adv. ou Locução								
Adv. E AÍ	00	00	03	01	06	00	01	00
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	<b>05</b>	<b>12</b>	<b>06</b>	<b>29</b>	<b>17</b>	<b>08</b>	<b>04</b>

Observa-se que a informante 016 foi quem usou o maior número de marcadores de continuidade no texto escrito. De modo geral, porém, inclusive para a referida informante, o uso deste tipo de marcador é predominante nas narrativas orais. Se somarmos os totais obtidos por informante, encontramos 62 destes marcadores na fala e apenas 32 na escrita, como consta no Tabela 3, a seguir:

Tabela 3 - Marcadores de continuidade

Texto	Ocorrências	Percentuais
Oral	62	65,9%
Escrito	32	34,0%
Total	94	100%

Ao tratar da diferença entre o discurso oral e o escrito, TANNEN (1985) aponta para o fato de o texto escrito usar estruturas mais complexas e priorizar a subordinação. O texto oral, por sua vez, estaria mais calcado no uso da coordenação, porque usaria esta última aliada à prosódia, para estabelecer a coesão textual. Nossa análise comprova a preferência pela coordenação na narrativa oral, como afirma TANNEN (1985, p. 131): “Thus a number of linguists have found that in spoken narrative – and here genre is important – ideas are strung together with no conjunctions at all or the minimal conjunction and.”

Embora os textos escritos apresentem, comparativamente, menor número de elos coesivos desta natureza, ainda assim, predomina o uso adequado das estruturas mais simples.



Outra importante característica do discurso oral, por sua vez, são as marcas de hesitação, manifestadas por pausas silenciosas, pausas preenchidas e aumento de duração de sílabas. Pausas deste tipo foram registradas em todas as narrativas orais examinadas.

## 6. Análise de marcas prosódicas nos textos orais

Embora constitua terreno pouco explorado, é consenso entre os que se dedicam ao estudo da coesão que, em textos orais, a prosódia desempenha um papel importante, na medida em que traduz a atitude do produtor do texto em relação à narrativa e “[...] establish cohesion, that is, show relationships among ideas, highlight relative importance, foreground or background certain information, and so on”. (TANNEN, 1985, p. 131-132)

A reiteração de um **padrão entonacional**, por exemplo, pode funcionar como mecanismo de coesão seqüencial. No diálogo entre a menina e o lobo da história de Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, observa-se a atuação de recursos prosódicos para encadeamento de idéias e para reforço da redundância estrutural. Temos uma recorrência de **curva melódica** continuativa, sem quedas acentuadas de F<sub>0</sub>, a qual se mantém constante (entre 210 e 250 Hz) ao término de cada frase entonacional, dando realce à informação fornecida e levando ao clímax da narrativa; reforça este efeito um aumento da **duração** na última sílaba tônica antes da fronteira prosódica de cada frase:

(O16) - // e aí começou a perguntar [...]: “Por que você tem uns olhos tão **grandes**? O17 - E e... e ele falou que era pra ver ela **melhor**<sup>1</sup> e Por que que você tem um nariz tão **grande**?, e É pra cheirar .... pra cheirar **melhor**<sup>2</sup>.

Deste ponto em diante, a F<sub>0</sub> fica achatada, caindo a índices baixos na última sílaba tônica situada nas fronteiras prosódicas das frases entonacionais, e a duração nestas sílabas também diminui bastante (um índice de queda nunca inferior a 30%), antecipando o término da história:

(O16) - Por que você tem orelhas tão **grandes**? É pra ouvir você **melhor**. E **aí** teve que perguntar Por que que você te uma boca tão **grande**? E o lobo mau falou: É pra comer você **melhor**. E comeu o Chapeuzinho Vermelho. E aí acaba a história.

A Tabela 4, a seguir, apresenta os valores de F0 e duração efetivamente registrados:

Tabela 4

TÔNICA pré-fronteira	Freqüência fundamental	Duração
GRANDE	212,00 Hz	608
MELHOR	212,17Hz	702
GRANDE	226,00Hz	633
MELHOR	249,84Hz	518
GRANDE	60,28Hz	422
MELHOR	59,34Hz	397
GRANDE	59,77Hz	447
MELHOR	61,60Hz	387

Um exemplo da atuação dos parâmetros duração e F0 para espelhar um paralelismo estrutural, contribuindo para a coesão seqüencial, pode ser encontrado na narrativa da Mãe Mato. No clímax da narrativa uma mesma estrutura é repetida três vezes e acompanhada, sobretudo nas duas primeiras emissões, por um aumento considerável da F0 e da duração na última tônica antes de cada fronteira prosódica marcada por um contorno descendente:

(O11) -...sou eu<sup>1</sup>...sou fulana...sou eu<sup>2</sup>...não senhor.

Tabela 5

Segmento	Contorno	F0	Duração
SOU EU <sup>1</sup>	Descendente ↓	210Hz	740ms
FULANA	Descendente ↓	220Hz	748ms
SOU EU <sup>2</sup>	Descendente ↓	208Hz	475ms

Da mesma forma que a elevação da F0 pode ser uma estratégia à disposição do enunciador, a sua queda gradual, formando uma chamada **linha de declínio**, pode exercer o mesmo papel. Ela pode ser encontrada no exemplo abaixo, como fator responsável por chamar a atenção do

ouvinte para a sentença que contém a explicação do comportamento de uma das personagens, o sapo que se salvou:

(O10) Então//, tem que tentar mas// por que aquele sapo, gente, tentou pulá, pulá ?// **É porque ele era surdo.**

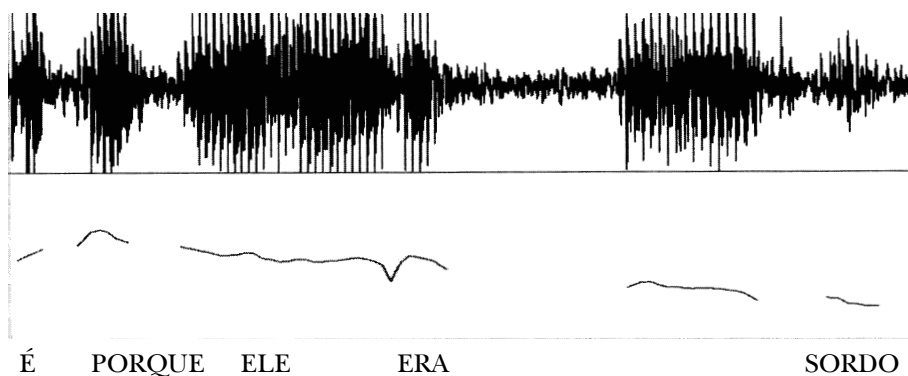


Figura 3

A **velocidade de enunciação** também atua para dar pistas sobre a informação acessória que o emissor considera redundante, fundo e não figura: (O17) - Dormem assim de uma a duas horas // ou, se der, meia hora já, já tá bom. Elas costumam dormir.

Por outro lado, a prosódia contribui para reforçar intensificadores, dando um realce a determinados marcadores discursivos. No trecho abaixo, por exemplo, observa-se uma *top line* ascendente que reforça a dimensão do buraco ao qual se refere a história. O contorno melódico atinge o ponto mais elevado na terceira ocorrência do advérbio BEM (120Hz) caindo na sílaba tônica de PROFUNDO (95Hz).

(O10) - mas antes de chegar a sua casa//, eles caíram num buraco<sup>1</sup>. **Um buraco<sup>2</sup> bem... bem... bem... profundo.**//

Tabela 6

Segmento	Contorno	F0
UM BURACO <sup>2</sup>	Ascendente ↑	99,58Hz
BEM...	Ascendente ↑	109,27Hz
BEM...	Ascendente ↑	110,47Hz
BEM...	Ascendente ↑	120,98Hz
PROFUNDO	Descendente ↓	95,72Hz

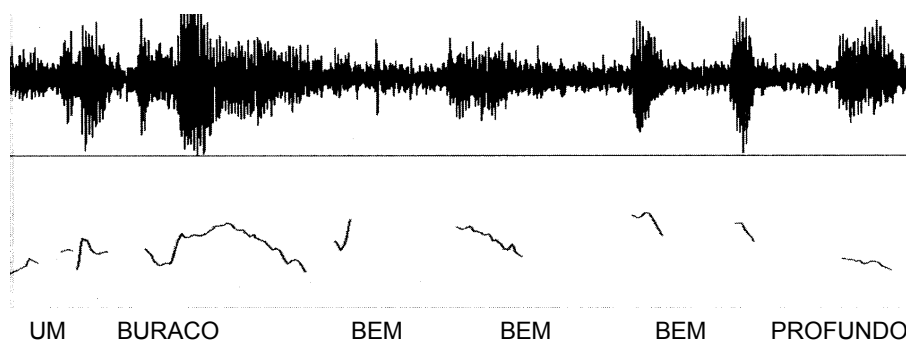


Figura 4

Não só a elevação de F0 (304 Hz), como um aumento de duração (358ms) e também de intensidade (81,71dB) do advérbio monossilábico **mais** marca a ênfase a ele conferida no segmento abaixo:

(O11) - E ele...ele falou: “Eu vou esperar aqui a mãe mato porque não vai me assustar **mais**.”

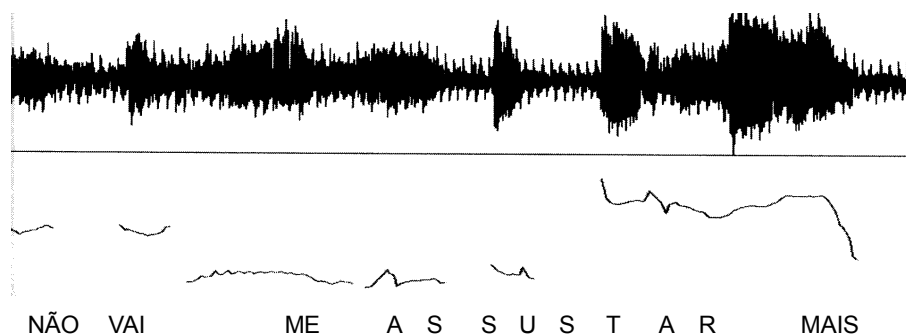


Figura 5

A informação prosódica pode ser fornecida por apenas um ou por mais de um correlato acústico, como vimos nos exemplos anteriores. O contorno melódico (F0) global ou localizado em determinado ponto e sua direção (ascendente ou descendente), a duração, a velocidade e ritmo de fala (velocidade entre as posições acentuadas) contribuem para a interpretação semântico-pragmática dos enunciados, para a “leitura” que o emissor deseja veicular.

Assim é que o rótulo *marcadores prosódicos* cobre, por sua vez, ampla gama de recursos que incluem as pausas e sua localização. Hesitações e

pausas preenchidas em locais não esperados traem, quase sempre, a insegurança e falta de familiaridade do emissor com a língua português<sup>3</sup>:  
 É uma... história que minha avó... é... contava. Ela... falava quando Ø  
 estavam... é... no sítio e quando as crianças é... não queriam em.. entrar  
 para a casa, ela é... fazia uma ... que uma pessoa... é... vistesse ro... hum...  
 roupa com folhas de árvores. Ih... essa pessoa era chamada de mãe... mãe  
 (moth...?) mãe mato. (011COL F)

À coesão textual interessam apenas as pausas intencionais, silenciosas ou não, que assinalam fronteiras, preparam para o clímax, antecedem e destacam uma informação nova etc. A localização destas fronteiras exerce, portanto, função discursiva, uma vez que a segmentação escolhida pode interferir nos laços coesivos seqüenciais e na identificação do que é figura, o que é fundo, qual o conteúdo novo por oposição ao já conhecido (dado). É neste sentido que o silêncio fala.

Vejamos alguns exemplos a mais:

(O17) - Em guarani é [karaiβɔ'sə]. Aí, traduzido ao português ia ficá // **o homem do saco.**

Neste segmento, a pausa que incide antes de *o homem do saco* confere destaque a este último, o personagem principal, sobre o qual se tece a narrativa. Uma pausa semelhante é usada pela narradora, ao final do relato, para fazer incidir o foco sobre a condição para não ser apanhada pelo homem do saco – fazer a sesta:

(O17) - E essa era a história assim que mais me marcou quando criança porque eu dete... eu, né? ... eu detestava // **fazer a sesta.**

A segmentação indicada pelas pausas no trecho abaixo não só reforça o paralelismo estrutural, como a diferença de velocidade de fala, mais acelerada após o advérbio *não*, sinaliza a correção de uma informação já parcialmente dada e que, portanto, não é mais inteiramente nova. Funciona como reforço o processo segmental de **sândi** externo na fronteira entre **porta**<sup>2</sup> e **entrou**, decorrente da aceleração da fala. O contorno ascendente nas três primeiras frases entonacionais forma o elo que indica a continuidade da enunciação:

(O16) - entrou na **casa**<sup>1</sup> ↑ //, batió na **porta**<sup>1</sup> ↑ // ... Não, batió na **porta**<sup>2</sup> ↑, entrou na **casa**<sup>2</sup> ↓ // e (*risos*) e comeu // a avó dela //.

A Tabela 7, a seguir, apresenta os valores encontrados:

Tabela 7

Segmento	Contorno	F0	Duração da pausa
CASA <sup>1</sup>	Ascendente ↑	273Hz	282ms.
PORTA <sup>1</sup>	Ascendente ↑	274Hz	636ms
PORTA <sup>2</sup>	Ascendente ↑	232Hz	Sândi externo
CASA <sup>2</sup>	Descendente ↓	162Hz	820ms.

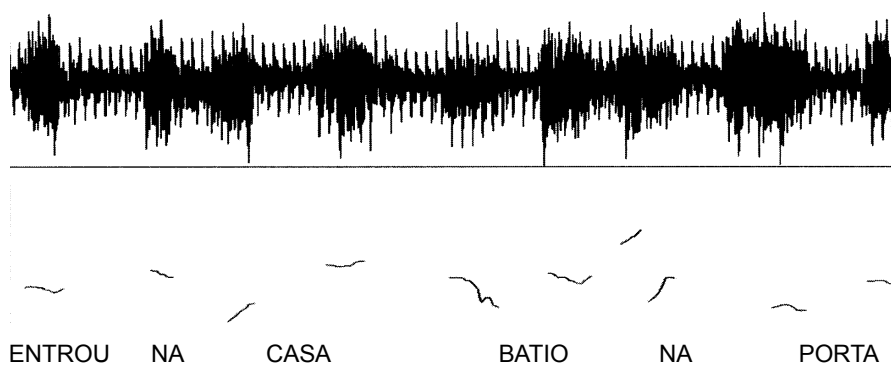


Figura 6

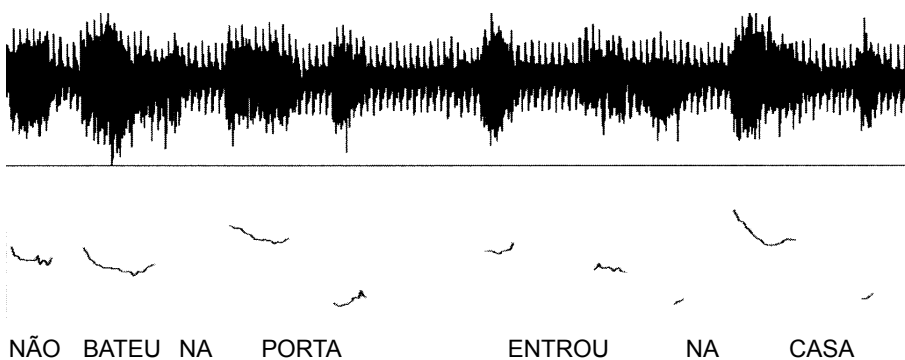


Figura 7

As pausas e a velocidade de enunciação servem, portanto, para que o narrador mantenha controle sobre o fluxo de seu texto e, embora como afirmam muitos autores, “[...] periods of silence (pauses) in discourse sometimes coincide with periods of ‘planning ahead’” (TANNEN, 1985), estes

recursos prosódicos servem também para estabelecer elos coesivos. O próprio uso de pausas preenchidas pode servir para que o narrador prenda a atenção do seu ouvinte, não permitindo desvios em relação ao encadeamento dos fatos narrados. Note-se que é bastante freqüente o preenchimento de pausas por alongamento da conjunção aditiva *e*. Observe-se o uso de fronteiras antecedendo a conjunção aditiva no trecho abaixo em que a parataxe e a prosódia são utilizadas como estratégias coesivas.

Note-se também que há uma fronteira prosódica após a primeira menção ao Lobo Mau, uma das principais personagens da história, e que outra pausa após a segunda ocorrência de Lobo Mau marca o término do segmento em discurso direto:

(O16) - Um dia ela saiu de casa //, foi pela floresta // com sua cestinha de doce pra avó ↑ // e... e... no meio da floresta, ela encontrou um **Lobo Mau** // e... E aí o lobo perguntou // pra onde que ela ia, pra onde que ela ia ↓ //, e ela falou que ia pra casa da avó //; o lobo queria acompanhar ela // mas ela não deixou, ela foi... ela falou “Não, eu vou **sozinho** ↑ // e você sai daqui, **lobo mau.**” ↓ // E aí o lobo mau teve uma **idéia** ↑ (016 BOL F)

## 7. Conclusão

A comparação, baseada na taxonomia de THOMPSON (1996), entre os recursos coesivos usados em narrativas orais e escritas, produzidas pelos mesmos informantes, em processo de aquisição de português como língua estrangeira, permitiu identificar uma preferência pelos mesmos recursos nas duas modalidades de discurso. Apesar da proximidade entre o português e a primeira língua dos informantes (espanhol) foram selecionados, tanto na fala como na escrita, os mecanismos coesivos considerados mais simples. As diferenças entre texto oral e escrito estiveram, naturalmente, presentes. Foram registradas marcas de oralidade, conforme categorizadas por MARCUSCHI (2001). Tais diferenças, entretanto, não exerceram influência sobre a escolha dos recursos coesivos, registrando-se apenas, como fator exclusivo das narrativas orais, o apelo à prosódia como mecanismo adicional no estabelecimento de elos coesivos.

## Notas

- <sup>1</sup> PEPPE: Programa de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros.
- <sup>2</sup> Este programa circula gratuitamente pela Internet, com a autorização de seus idealizadores, Professores Doutores Paul Broersma e David Weenink da Universidade de Lund. O site para *download* deste programa é [www.praat.org](http://www.praat.org).
- <sup>3</sup> O texto escrito também não menciona o localizador espacial “sítio”, porém este termo é dúvida porque em espanhol refere-se ao genérico “lugar” e não tem a acepção de “fazendola, quinta” sentido este bastante freqüente no português brasileiro.
- <sup>3</sup> Pausas de hesitação preenchidas ou silenciosas não foram consideradas.

## Cohesive Strategies and Oral Performance in Brazilian Portuguese

**Abstract** – This article examines the use of cohesive cues by Spanish learners of Brazilian Portuguese as a foreign language. The *corpus* recorded comprehends spontaneous oral narratives, collected for a reasearch project developed by teachers of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ - PEPPE). The *data* were transcribed according to graphematic conventions and, later on, accoustically analysed. The first analytical procedure consisted in identifying the strategies the learners selected for cohesion on the basis of Thompson’s taxonomy (1996). The next step was the comparison of these strategies to those pointed up in a previous cohesion analysis developed by Almeida (2005, *ms.*) of written narratives with the same theme, that had been produced by the same students. This comparison was based on retextualization strategies as proposed by Marcuschi (2001). Due to the importance of prosodic parameters to establish cohesion (Tannen, 1985), the final section of this article describes the acoustic correlates chosen by the research subjects to structure the text of their narratives. There was no significant difference in the cohesion strategies applied in written narratives and those found in the oral ones, except for the role of prosodic tools to highlight the cohesive cues.

**Key words** – Text cohesion. FL oral performance. Prosodic tools.

## Referências bibliográficas

- ABREU, M.I. O estudo comparativo de padrões estruturais em português e em espanhol. *Luso-Brazilian Review*. 2000
- ALMEIDA FILHO, J.C.P. de. Uma metodologia específica para o ensino de línguas próximas? In: *Português para estrangeiros — interface com o espanhol*. São Paulo: Pontes, 1995.



- AZPIROZ, V.L. O ensino do português como língua estrangeira: principais dificuldades enfrentadas pelos hispanofalantes rumo à língua-alvo. In: *Para acabar de vez com Tordesilhas*. Lisboa: Colibri, 1998.
- BISOL, L. (org.) Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPURCS, 1999.
- BLOOR, T.; BLOOR, M. The functional analysis of English: A hallidayan approach. London: Arnold, 1995.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- CARVALHO, A.M. Português para falantes de espanhol: perspectivas de um campo de pesquisa. *Hispania*, v. 85, n. 3, 2002, p. 597-608.
- DÍAZ, R.F. *Práctica de fonética española para hablantes de portugués*. Madrid: Arco Libros, 1999.
- FERREIRA NETTO, W. *Introdução à fonologia de Língua Portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.
- HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to functional grammar*. 1994.
- HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Language, context, and text: Aspects of language in a social semiotic perspective*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- KATO, M.A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- KOCH, I.V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
- MAIA, E.M. *No reino da fala: A linguagem e seus sons*. São Paulo: Ática, 1986.
- MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTINS, M.R.D. *Ouvir falar: Introdução à fonética do português*. Lisboa: Caminho, 1987.
- NÚÑEZ CEDEÑO, R.A.; MORALES-FRONT, A. *Fonología generativa contemporánea de la lengua española*. Washington: Georgetown University Press, 1999.
- TANNEN, D. Relative Focus on Involvement in oral and written discourse. In: OLSON, D.R. et al. (eds.) *Literacy, Language and Learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. pp. 124-147.

TANQUEIRO, H. As frases feitas no ensino do português L.E. para hispanofalantes. In: *Para acabar de vez com Tordesilhas*. Lisboa: Colibri, 1998.

THOMPSON, G. *Introducing functional grammar*. London: Arnold, 1996.

VILELA, M.; KOCH, I.V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

Recebido e aprovado para publicação em maio de 2006.